

**Alice Vieira**

# Dois corpos tombando na água

**De "DOIS CORPOS TOMBANDO NA ÁGUA"**

8.   
havemos de ser outros amanhã   
ou daqui a momentos ou já agora   
e dificilmente reconheceremos o espaço da alegria   
em que noutras horas chegámos a nascer

e então meu amor   
(não sei se reparaste mas é a primeira vez   
que escrevo meu amor)   
teremos nos olhos a cor sem cor   
das roupas muito usadas   
e guardaremos os despojos das noites   
em que tudo sem querer nos magoava   
nas gavetas daqueles velhos armários   
com cheiro a cânfora e a tempo inútil   
onde há muitos anos escondemos   
um postal da Torre de Belém em tons de azul   
e um bilhete para a matiné das seis no São Jorge   
onde um homem (que muitos anos depois   
segundo me contaram se suicidou)   
tocava órgão nos intervalos em que   
nos beijávamos às escondidas

e dessas gavetas rebenta a poeira do tempo   
que matámos a frio dentro de nós   
com os filhos que perdemos em camas de nin-guém   
e as pedras que nasceram no lugar das cinzas   
e havemos de perguntar (mesmo sabendo   
que   
já não há ninguém para nos responder)   
por que foi que nos largaram no mundo   
vestidos de tão frágeis certezas   
por que nos abandonaram assim   
no rebentar de todas as tempestades   
sabendo que o futuro que nos prometiam batia   
ao ritmo das horas que já tinham sido   
destinadas a outros e nunca   
voltariam a tempo de nos salvar

mas enquanto vai escorrendo de nós o pó   
desses lugares onde ainda há vozes   
que não desistiram de perguntar por nós   
vamos bebendo a água inicial das nossas línguas   
um ao outro devolvendo o pouco   
que conseguimos salvar de todos os dilúvios

10.   
entrego-te as palavras mais brandas   
que entre os meus dedos construí   
para alimentar de ti os recantos da casa   
invadindo o coração da noite

entrego-te as palavras com a redonda luz   
das maçãs sobre a mesa e o rumor da água   
rasgando o caminho da paixão   
em horas que já não conseguimos sem ajuda   
recordar   
mas que habitam a mais frágil memória de nós   
próprios

palavras rompendo dos meus olhos   
a invadir-te o sono e tropeçando   
nas esquinas das frases que decoro   
ao longo dos veios da tua pele

e a verdade é que nunca terei outra história   
para além da que nos aconteceu   
e que ficamos à espera de um dia perceber me-   
lhor   
porque nunca ninguém se prepara convenientemente

**«Outro princípio de vida»...**



A autora de *Rosa, Minha Irmã Rosa*, um verdadeiro best-seller, sublinha que só uma vez tinha concorrido antes a um prémio, que também venceu, exactamente com esse livro, o primeiro que deu a lume, em 1979. «Agora, é outro princípio de vida», sublinha. Contando ainda que sempre escreveu «tudo à máquina, primeiro, e depois a computador, mas agora os versos só à mão»... São alguns daqueles poemas, -- que de certo modo fazem um todo, contam uma história, dividida em cinco capítulos -- os primeiros a ser publicados, que o JL aqui revela. Quanto ao livro deverá sair lá mais para o fim do ano, na sua habitual chancela, a Caminho.

É uma verdadeira surpresa: uma das mais populares, lidas e consagradas escritoras portuguesas, autora de diversos títulos de literatura infanto-juvenil já traduzidos em vários países, mas nenhum de versos, ganhou o Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho, de... Poesia! Assim mesmo: Alice Vieira, 64 anos, após quase 50 sem escrever poemas (os últimos que escreveu e publicou foi no *Diário de Lisboa - Juvenil*, dirigido por Mário Castrim, no final da década de 50, princípio da de 60), voltou a fazê-lo, em 2006. «Um dia comecei a escrevê-los, não sei explicar bem porquê. Reuni-os num livro, *Dois corpos tombando na água*, e em vez de os mostrar a quem me poderiam dar uma opinião de 'amigo', resolvi concorrer a um prémio, com pseudónimo, por isso sem se saber que o livro era meu, com um júri qualificado, integrando o Fernando J. B. Martinho e Fernando Pinto do Amaral. Para saber se valia ou não a pena publicá-los. E pronto, ganhei...».

para a chegada do amor   
e ele é sempre um convidado estranho   
sentado em silêncio na penumbra da sala   
olhando os quadros o chão o tecto

como um velho parente da província   
com medo de dizer o que não deve

**De "DEVAGAR NO CENTRO DO FOGO"**

7.   
"Let me sleep on your breast   
till the airport"   
SEAMUS HEANEY

guarda-me   
adormecida para sempre no teu peito

ou deixa-me voar uma vez mais sobre esta   
terra de ninguém onde morro   
por qualquer coisa que me fale de ti

há noites assim em que o silêncio   
se transforma ao de leve numa lâmina   
que minuciosamente rasga os lençóis   
onde ficou esquecido o corpo que habitámos   
em provisórias madrugadas felizes

depois é só abrir os braços e acreditar   
que ainda faltam muitas horas para a partida   
e que à toa pelos corredores ainda escorre   
uma razão primeira a trazer-me de volta

e eu adormecida para sempre   
no teu peito

e eu acorrentada para sempre   
no teu peito

e de novo entre nós aquele choro de quem   
não teve tempo de preparar a despedida   
com as palavras certas   
porque as palavras certas estavam todas   
em histórias erradas

que outros escreveram em lugares transparentes   
e fluidos   
que nem vale a pena tentar desculpar   
muito ao longe uma voz desgarrada   
estabelece o fim do verão

e eu adormecida para sempre   
no teu peito

e eu acorrentada para sempre   
no teu peito

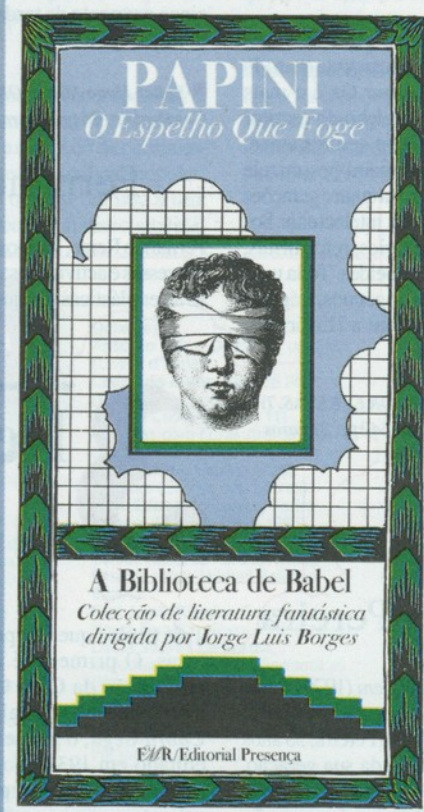
**De "AMOR E OUTROS CRIMES EM VIAS DE PERDÃO"**

3.   
com passos de nevoeiro saíste de mim e disseste   
agora vou morrer noutro corpo   
para que nunca mais tenha na minha pele o pânico   
das madrugadas que me levavam ao remorso   
de acordar no mais fundo de ti

saíste com passos de nevoeiro   
e disseste desculpa ser assim   
e eu nem respondi porque sabia   
que não eras tu que desaparecias mas apenas   
o que em teu nome um dia tinha vindo   
para que eu não morresse tão longe do lugar   
[do amor]

## A BIBLIOTECA DE BABEL

www.presenca.pt | o gosto pela leitura



«EIS, DESDE JÁ, O ACONTECIMENTO LITERÁRIO DO ANO.»   
João Mário Silva, *Diário de Notícias*   
O 3º volume da colecção de literatura fantástica dirigida por   
**Jorge Luis Borges.**

EDITORIAL PRESENÇA